

O ser humano está “faminto de raízes”



“Mas, quando o sol apareceu as plantas, ficaram queimadas e secaram, porque não, não tinham raiz,” (Mt 13,6)

As parábolas são um relato provocativo e aberto, que envolvem o ouvinte ou o leitor; elas não exigem explicações, mas uma resposta pessoal, vital; move a assumir uma atitude frente a alternativa de vida que propõem. Se não toma uma decisão, é sinal que a pessoa já definiu sua postura: continuar com a própria maneira de ver e viver a realidade.

O objetivo das parábolas é substituir uma maneira de ver o mundo, míope e limitado, por outra, aberta a uma nova realidade, cheia de sentido e de esperança.

As imagens de sementes, árvores, terreno..., dão o que pensar; questionam nossa maneira de ser, nos convidam a descer ao nosso **chão** existencial, a olhar o mais profundo de nós mesmos e da realidade que nos cerca, e descobrir ali ricas possibilidades.

Cada **planta** procura seu chão. Não se desenvolve em qualquer lugar. Exige nossa atenção: é preciso conhecer o **chão** onde ela é plantada, observá-la, cuidá-la...

Cada **chão** tem uma palavra a nos dizer; o novo vem das **raízes**, vem de baixo, da base, do chão. Na experiência espiritual, somos motivados a mergulhar no terreno da interioridade, como as raízes na obscuridade da terra, na presença do silêncio.

Aqui o caminho para Deus é “**descer**” ao nosso próprio **chão** e viver a comunhão universal. Subimos rumo ao Transcendente quando descemos ao nosso **chão** da vida. O movimento de enterrar profundamente as raízes possibilita alcançar a seiva, o pulsar da vida e o equilíbrio.

Faz-se necessário, portanto, lançar raízes no mais profundo de nós mesmos e despertar todas as energias criativas, todas as grandes motivações adormecidas, toda bondade aí presente, toda decisão de assumir como cooperadores e artífices de um novo tempo.

Temos uma identidade que funda suas raízes na família, no povo, na cultura de origem. Outra, que provém das opções de nossa liberdade, de nossas decisões. E um terceiro nível de identidade que nos vem da fé quando, progressivamente, como uma árvore, vamos “subindo” em direção a um novo sentido para nossa própria existência, deixando-nos conduzir pela força do Espírito presente no chão de nosso eu profundo. Desse enraizamento é que surgem os frutos surpreendentes, “*à base de cem, de sessenta e de trinta por semente*”.

Somos, portanto, seres de **enraizamento** e de **abertura**. “*O ser humano é criado para...*”, afirma S. Inácio. A **raiz** que nos limita é nossa encarnação na realidade. A **abertura** que nos faz romper barreiras e ultrapassar os limites, impulsionando-nos à busca permanente por novos mundos, é nossa **transcendência**. Ninguém segura os pensamentos, ninguém amarra as emoções, ninguém detém os sonhos... O desafio consiste, então, em manter juntos o **enraizamento** e a **abertura**. Encarnados, mas abertos à transcendência.

Nesse sentido, **transcender** não significa fugir da própria realidade, mas mergulhar na própria condição humana; “*transcender é humanizar-se*”.

A tradição judeu-cristã fala em “**trans-descendência**”. Somos convidados não apenas a superar e a voar para cima, mas, fundamentalmente, a descer e a buscar o chão. É a experiência da **Encarnação**: o Deus que envolve toda a realidade, emergiu do chão da realidade e da história. É o **Amor** que desce.

Ao entrar no “fluxo da descida” de Deus, somos desafiados a deixar a superfície banal e descer às **dimensões profundas** da nossa existência humana. Nessas águas, não nos afogamos; respiramos fundo e revitalizamos-nos. Por isso, somos chamados a superar ambiguidades, a escolher rumo construtivo, a definir nossa identidade pessoal e a optar por causas humanas que nos fazem **transcender**.

Somos impulsionados a mergulhar na própria existência humana “**misteriosa**”, e contar com a inteligência criadora, com a liberdade fecunda, com o coração ardente e com mãos mobilizadas para o serviço.

Na “**parábola do semeador**”, Jesus compara nosso interior com um campo dotado de diferentes “espécies” de terra, mas habitado por uma **semente** de vida. A semente é poderosa e eficaz. Mas estão em jogo nossa acolhida e nossa receptividade: podemos permanecer no nível da superfície; podemos nos deixar prender por outros interesses ou prioridades sensíveis; ou podemos nos abrir às dimensões mais profundas de nós mesmos, à nossa “terra boa”, ao nosso “bom lugar”. Lida dessa perspectiva, a parábola não nos deixa indiferentes; motiva a nos questionar sobre a partir de onde nós estamos vivendo e, para chegar à resposta adequada, convida a nos fixar nos frutos que saem de nós.

A experiência espiritual cristã implica, portanto, “*mergulhar os pés no chão da vida*”.

É na obscuridade da terra que a planta vai buscar a força que a manterá viva, que lhe dará condição de expandir sua copa em direção à imensidão do céu. As raízes mergulham na terra de modo profundo, silencioso e lento. Expressões do nosso cotidiano como “*pôr os pés no chão*”, “*estar com os pés na terra*”, significam enraizar-nos e comprometer-nos com a realidade que nos afeta.

No “**chão**”, à primeira vista, estão todas as sujeiras, os detritos e as coisas em decomposição. Mas, para as raízes, tudo isso significa o alimento da vida.

Um “**chão**” é sempre mais do que um simples chão: cada “chão” revela lembranças, referências, ansiedades, medos, saudades...; cada “chão” guarda histórias, presenças e tem força de memória. Há vidas, pessoas, caminhos, acontecimentos, experiências...

Chão amplo é convite a sonhar alto, a pensar grande, a aventurar-se...; ousar ir além, lançar por terra o modo arcaico de proceder, romper com os espaços rotineiros e cansativos.

“Chão humano e humanizante”, porque carregado da presença divina.

É o ser humano mesmo o verdadeiro **chão** a partir do qual Deus se deixa encontrar e se dá a conhecer; cada pessoa é o autêntico **chão** da eterna presença de Deus.

Geralmente caímos na armadilha de acreditar que dar fruto é fazer obras grandes. A tarefa fundamental do ser humano não é fazer coisas, mas “**fazer-se**”. “Dar fruto” seria dar sentido à nossa existência de modo que, ao final dela, a criação inteira possa estar um pouco mais perto da meta, graças à nossa presença nela. Não se trata simplesmente de ativismo, mas de engendrar, de gestar algo novo, viver o Evangelho como novidade. Uma coisa é ter êxito e outra é ser fecundos, gerar vida.

Este é o desafio: gerar o **novo** a partir de dentro de nós mesmos, como se o sugássemos da terra com nossas raízes, para que nossas palavras e nossas ações sejam originais e criativas, e revelem uma força transformadora, com impacto na realidade onde nos encontramos.

Na **fecundidade** há espaço para o “**mistério**”. A fecundidade tem lugar no oculto, nas entranhas da terra. A fecundidade supõe confiança e abandono, uma atitude aberta e serena, sem ansiedade nem tensão, sem deixar-se desanimar pela insignificância dos primeiros resultados.

Viver em chave de **fecundidade** supõe aceitar ritmos, tempos longos como se dão na natureza. As plantas necessitam tempo para florescer e meses para crescer. Isto supõe excluir toda impaciência.

A **fecundidade** perdura e aumenta com os anos, embora as forças físicas se debilitem.

Texto bíblico: Mt. 13,1-23

Na oração: “*Pensamos e sentimos a partir do lugar onde nossos pés estão plantados*”. Onde seus pés estão plantados? O seu “ter-reino cotidiano” tem facilitado ou dificultado o surgimento de novos frutos?

- Vivemos em um contexto marcado pela cultura da superficialidade, da aparência... Onde está enraizada sua vida? Ela tem se revelado como “terra boa”, verdadeira e fecunda, de onde brotam novidades surpreendentes?

Pe. Adroaldo Palaoro sj